

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

JAMIRES DE SÁ FERREIRA

**A INTERAÇÃO ENTRE CRIANÇAS PEQUENAS E PROFESSORAS NO PERÍODO
DE ADAPTAÇÃO EM CRECHES: UMA REVISÃO DE LITERATURA (2019-2023)**

Delmiro
2024

JAMIRES DE SÁ FERREIRA

**A INTERAÇÃO ENTRE CRIANÇAS PEQUENAS E PROFESSORAS NO PERÍODO
DE ADAPTAÇÃO EM CRECHES: UMA REVISÃO DE LITERATURA (2019-2023)**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Pedagogia da
Universidade Federal de Alagoas, como
requisito parcial à obtenção do título de
Licenciatura em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Ricardo de
Lima

Delmiro Gouveia

2024

Página reservada à ficha catalográfica (item obrigatório, elaborado, somente, por
Bibliotecário). Para saber como solicitar a sua ficha, acesse:

http://sibi.ufal.br/portal/?page_id=579.

Folha de Aprovação

JAMIRES DE SÁ FERREIRA

A INTERAÇÃO ENTRE CRIANÇAS PEQUENAS E PROFESSORAS NO PERÍODO DE ADAPTAÇÃO EM CRECHES: UMA REVISÃO DE LITERATURA (2019-2023)

Trabalho de Conclusão de Curso
submetido à banca examinadora do
curso de Pedagogia da Universidade
Federal de Alagoas e aprovada em
05/12/2024.

Documento assinado digitalmente
 **MARCOS RICARDO DE LIMA**
Data: 10/12/2024 21:53:26-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Orientador - Prof. Dr. Marcos Ricardo de Lima

Banca examinadora:

Documento assinado digitalmente
 **JULIO BISPO DOS SANTOS JUNIOR**
Data: 10/12/2024 17:17:41-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Examinador Externo - Prof. Dr. Júlio Bispo dos Santos Junior

Documento assinado digitalmente
 **MARCUS SWELL BRANDÃO MENEZES**
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Examinador Interno - Prof. Dr. Marcus Swell Brandão Menezes

Dedico

À todas as crianças do Brasil, e expresso meu mais profundo desejo de que encontrem nas instituições de Educação Infantil, acolhimento em suas adaptações escolares. Que possam encontrar com seus familiares, abrigo para enfrentar possíveis dificuldades em toda jornada escolar, as quais, assim, jamais comprometerão seu êxito.

AGRADECIMENTOS

A Deus e à Virgem Maria, pois, em meio a pensamentos de fracasso pude recorrer-los como luz ao final do túnel. Esse trabalho não seria concretizado se não tivesse plena certeza que com eles tudo é possível.

À minha mãe. Às minhas irmãs Janiele e Chaiany, a educação para mim é a forma mais singela de dignidade e, realizar esse sonho sem elas não faria sentido. A vitória é de todas nós. Aos meus cachorros Castiel, Floquinha e Nina, mesmo sem falar uma palavra foram meu porto seguro muitas vezes.

À minha amiga de infância Poliana, pois, sempre esteve comigo e com sua alegria e humor faz meus dias felizes. À minha amiga de turma, Jaqueline, sem sombra de dúvidas deixou os dias na UFAL mais agradáveis, levarei sua amizade para vida. À minha dupla Vanessa, juntas passamos vários apertos, às vezes me questionei se para o nosso próprio bem acadêmico deveríamos mesmo ser dupla, no entanto, eu não poderia ter dupla melhor, obrigada pela lealdade e ajuda em toda essa jornada.

A todos os meus professores pelo conhecimento mediado a mim, não tenho como agradecer. Agradeço de forma particular ao Professor Dr. Denson André Sobral, sempre lembrarei de suas aulas e sentirei por não tê-las aproveitado mais. Ao meu orientador Dr. Marcos Ricardo de Lima, por ter me socorrido em momento de desespero.

Agradeço a todos que cruzaram meu caminho durante a minha jornada acadêmica, acredito que todos os espaços educam, logo, cada um que passou mim deixou alguma lição.

Por fim agradeço ao Presidente Luís Inácio Lula da Silva, por lutar para trazer às universidades para o Sertão, sem esse feito, muitos não teriam a oportunidade de chegar à graduação. Obrigada pela luta de sempre.

Nunca faça por uma criança o que ela pode fazer sozinha.
(Maria Montessori).

RESUMO

O presente trabalho a partir de uma revisão de literatura busca investigar as interações entre crianças pequenas e mediadoras, com o objetivo de aprimorar a adaptação de crianças de 0 a 3 anos que irão frequentar creches no Brasil. Busca-se favorecer uma adaptação positiva a esse novo ambiente, minimizando possíveis estresses traumáticos que possam afetar a trajetória escolar. Para alcançar os objetivos propostos, adotou-se uma abordagem qualitativa, com foco na revisão da literatura dos últimos cinco anos, sem deixar de referenciar autores clássicos, como Henri Wallon, Lev Vygotsky e Jean Piaget. Constatou-se que as interações são fundamentais para que tanto as crianças quanto as mediadoras obtenham bons resultados no processo adaptativo. Sendo assim, é imprescindível que as práticas pedagógicas sejam intencionais e promovam o desenvolvimento. A interação entre a instituição, as mediadoras e as famílias também se revelou um fator decisivo para que as crianças atravessem esse período de forma agradável, sentindo-se seguras e acolhidas. O ambiente da creche deve ser um recurso atrativo para os infantes, sendo essencial aplicar metodologias que despertem seu interesse. O ato de brincar entre crianças e mediadoras promove efeitos positivos na adaptação, uma vez que as emoções desempenham um papel impactante. A mediadora, que, na ausência do responsável, assume um papel substituto da figura materna, deve empregar recursos que reduzam a desconfiança e a insegurança, comum nesse primeiro contato fora do núcleo familiar. Assim, as interações facilitam o processo adaptativo, que pode ser concluído em menos tempo e, sobretudo, sem danos traumáticos para as crianças.

Palavras-chave: interação; adaptação; desenvolvimento; creche; mediadora.

ABSTRACT

This study investigates the interactions between young children and mediators, aiming to improve the adaptation of children aged 0 to 3 years who will attend daycare centers in Brazil. The goal is to foster a smooth adaptation to this new environment, minimizing potential traumatic stresses that may affect their school journey. To achieve the proposed objectives, a qualitative approach was adopted, focusing on a literature review from the last five years, without neglecting classical authors such as Henri Wallon, Lev Vygotsky, and Jean Piaget. It was found that interactions are essential for both children and mediators to achieve positive adaptive outcomes. However, it is crucial that pedagogical practices are intentional and promote development. The interaction between the institution, mediators, and families also proved to be a decisive factor for children to go through this period in a pleasant way, feeling secure and welcomed. The daycare environment must be used as an attractive resource for young children, and it is essential to apply methodologies that spark their interest. The act of playing between children and mediators has a positive impact on adaptation, as emotions play a significant role. The mediator, who assumes the role of a substitute for the mother figure in the absence of the guardian, must employ resources that reduce distrust and insecurity, which are common in this first contact outside the family unit. Thus, interactions facilitate the adaptive process, which can be completed in a shorter time and, above all, without traumatic harm to the children.

Keywords: interaction; adaptation; development; daycare; mediator.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	14
2 QUEM É A CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	17
2.1 Creche: Um lugar de desenvolvimento de crianças.....	19
2.2 O que é a interação no desenvolvimento de crianças pequenas em creches.....	26
2.3 O papel do professor como mediador de interações.....	32
2.4 O espaço físico como recurso facilitador no processo de adaptação.....	37
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS.....	43
ANEXO A — GRÁFICO IBGE.....	45

1 INTRODUÇÃO

A Educação Infantil é a primeira etapa da educação básica. Reconhecida por sua grandeza e importância, sua função atual foi consolidada com o auxílio de dois documentos fundamentais: a Constituição Federal de 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) de 1996. Esses marcos estabeleceram a Educação Infantil como uma fase crucial da primeira infância. Além de ser uma ponte para o desenvolvimento integral da criança, a pré-escola desempenha um papel preparatório para a alfabetização.

A escola é a primeira instância pública de socialização que as crianças experienciam fora do ambiente familiar.

Neste trecho trago referência do período em que participei do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). O primeiro contato pode ser bastante angustiante, tanto para as crianças quanto para suas famílias. O choro é quase inevitável nos primeiros dias de adaptação, com grande parte das crianças demonstrando insegurança e medo diante de um ambiente desconhecido e de pessoas estranhas. As reações podem ser intensas, especialmente quando percebem a ausência da mãe ou do responsável. Algumas chegam a chorar a ponto de vomitar. Por outro lado, há crianças que apresentam boa desenvoltura mesmo sem a presença dos responsáveis: brincam, exploram e interagem com objetos com naturalidade.

A confiança entre a mãe e a mediadora é imprescindível durante o período de adaptação. A segurança transmitida pela mãe influencia diretamente a forma como a criança reage ao ser deixada na creche. Esse momento marca o início de novos desafios, quando as crianças começam a sair da rede de apoio familiar. É fundamental que se sintam acolhidas e confortáveis para tomar decisões e se expressar em suas diferentes linguagens.

O interesse em estudar a adaptação de crianças na creche, com foco nas interações estabelecidas nesse contexto, surgiu em 2020, durante a participação no PIBID, em uma escola de Educação Infantil. Contudo, é importante destacar que este estudo não foi baseado em experiências vividas durante o programa.

Este trabalho busca investigar como ocorrem as interações entre crianças pequenas e mediadoras, com o objetivo de melhorar a adaptação de crianças de 0 a 3 anos em creches no Brasil, minimizando possíveis estresses traumáticos que possam impactar sua jornada escolar. Além disso, aborda-se a importância de uma boa adaptação para reduzir a desistência de mães que, segundo uma pesquisa feita pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), ao perceberem a dificuldade dos filhos em se adaptar, deixam de enviá-los à creche. Discutir esse tema é crucial, pois, apesar dos avanços na educação ocorrerem lentamente, é necessário que todas as estruturas evoluam para garantir melhorias na qualidade da educação ofertada nas creches. Durante as pesquisas para o desenvolvimento deste trabalho, foi constatada a carência de estudos nessa área.

Para desenvolver este estudo, formulou-se a seguinte questão de pesquisa: Como as pesquisas mais recentes, considerando os últimos cinco anos (2019-2023) apresentam a interação entre crianças pequenas (bebês de 0 a 3 anos) e professores durante o período de adaptação em creches municipais no Brasil?

Para responder a essa questão, definiu-se como objetivo geral: investigar, nos últimos cinco anos (2019-2023) como as pesquisas apresentam a interação entre crianças pequenas e professores durante o período de adaptação em creches municipais no Brasil. Os objetivos específicos são: a) Investigar nas bases de dados Google Acadêmico e Periódicos Capes as publicações entre 2019 e 2023 relacionadas à temática deste estudo; b) Mapear as publicações encontradas como base para análise e construção de um panorama teórico sobre a interação entre crianças pequenas e professores durante a adaptação em creches; c) Evidenciar como as pesquisas mais recentes demonstram a adaptação de crianças pequenas por meio da interação com os professores em creches municipais no Brasil.

Para atingir esses objetivos, adotou-se a metodologia de pesquisa qualitativa, com foco em revisão de literatura dos últimos cinco anos, sem deixar de referenciar autores clássicos como Henri Wallon, Lev Vygotsky e Jean Piaget.

A pesquisa está organizada em três seções, precedidas pela introdução e sucedidas pelas considerações finais. Na Seção 2, discorre-se sobre “Quem é a criança na Educação Infantil”. São abordados o conceito de infância desde sua

construção histórica e a necessidade de um ambiente voltado ao desenvolvimento e à aprendizagem infantil, superando a antiga visão de creche como mero local de cuidado e alimentação durante o horário de trabalho das mães. Ressalta-se a importância da Educação Infantil como base essencial para a jornada escolar e para o desenvolvimento integral das crianças. Ainda nessa seção, discute-se como as interações influenciam o desenvolvimento infantil em aspectos sociais, culturais e cognitivos, fundamentais para que as crianças desenvolvam autonomia. Essas interações entre criança/criança e criança/mediador são especialmente importantes para que as crianças se sintam seguras durante o período de adaptação e enfrentam melhor a ausência materna. Aborda-se também o papel das mediadoras nesse processo, evidenciando sua relevância tanto para a adaptação quanto para o desenvolvimento infantil.

Por fim, nas considerações finais, constata-se que interações positivas são essenciais para uma boa adaptação na creche. O ambiente deve ser acolhedor, e as mediadoras devem utilizar metodologias intencionais que despertem o interesse das crianças. As atividades precisam ser planejadas de forma que o trabalho não seja meramente assistencialista, mas que contribua efetivamente para o desenvolvimento infantil. A brincadeira entre crianças e mediadoras têm efeitos positivos na adaptação, pois as emoções desempenham um papel significativo nesse processo. Com planejamento adequado e intencionalidade, a adaptação pode ser mais rápida e menos traumática para as crianças.

2 QUEM É A CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A primeira infância é a fase da vida que vai de 0 a 6 anos de idade, sendo considerada a fase primordial para o desenvolvimento, é o momento onde a criança começa a construir percepção de si, dos outros e do mundo. Todo o ambiente que ela está inserida tem potencial influenciador para o neurodesenvolvimento¹. Além das funções sociais e culturais, esse estágio é a base para o desenvolvimento de habilidades fundamentais requeridas na pré-alfabetização, por exemplo: habilidades de coordenação motora, autonomia e comunicação.

A educação infantil caracteriza-se como espaço institucional não doméstico, é a primeira etapa da educação básica e possui o dever de cuidar e educar. Alguns conceitos básicos que diferencia a creche da pré-escola é a faixa etária das crianças que podem frequentar a instituição e o período de funcionamento, para ambos deve ser exclusivamente diurno, geralmente a creche oferta jornada integral e recebe crianças de 0 a 3 anos, enquanto que na pré-escola são crianças de 4 a 5.

Segundo a DCNEI (2009) “é dever do Estado garantir a oferta de Educação Infantil pública, gratuita e de qualidade, sem requisito de seleção”. A regulamentação para o atendimento às crianças pequenas da educação infantil precisou passar por inúmeros acontecimentos até meados da década de 80, onde surgiram discussões acerca da criança e da infância.

Para compreender a infância e as políticas públicas alcançadas nos dias atuais, é preciso rememorar a concepção que se tinha do ser criança desde a Idade Média. Devido às condições econômicas e culturais, a infância não era intrínseca para todos os infantes, as concepções de infância é oriunda da modernidade. Foi somente durante a Revolução Industrial que foi percebida a necessidade de se ter um olhar sensível para com as crianças. Todavia, No século XIX durante o desenvolvimento industrial, a mão-de-obra infantil era descomunal, as crianças originadas de famílias pobres eram as mais afetadas, tendo em vista a necessidade financeira das famílias e a carência de mão-de-obra nas indústrias. Na obra de Phelippe Ariés, A história social da criança e da família (1960), é relatado a falta de representação das crianças na sociedade, era como se simplesmente as crianças

¹ Os processos das competências do Neurodesenvolvimento (motoras, sensoriais, cognitivas, sociais e emocionais) devem ocorrer de maneira contínua e evolutiva. Em prol de que a criança consiga executar tarefas mais avançadas que exigem maior habilidade em situações com o meio social.

não existissem ou não fossem entendidas. As características físicas das crianças nos escritos e pinturas da época representava as crianças como adultos em tamanho pequeno. A representação da criança de fato só surge com a exibição do menino Jesus. Segundo o autor, os infantes eram vistos como “mini adultos”, e, após a manifestação da aptidão física eram inseridas no mundo dos adultos. Com o sentimento de infância surgindo com ele veio a mudança das vestimentas e a necessidade da educação escolar. A criação da escola está paralela ao surgimento do conceito de infância e à formação da família nuclear, composta por pai, mãe e filhos, substituindo a família extensa, em que membros de diversas gerações conviviam no mesmo ambiente. Com a renovação do sentido de família, os pais já não desejavam apenas ter filhos, mas sentiam a necessidade e o desejo de prepará-los para o mundo. Nesse contexto, a família e a escola desempenharam um papel fundamental na separação das crianças da sociedade adulta. A infância, como conceito, surgiu da necessidade de distinguir o período infantil da vida adulta, já que ser criança envolve particularidades que não podem ser ignoradas nem forçadas a se adaptar ao universo dos adultos.

Para Craidy e Kaercher (2001), a ideia de experiência educativa disseminada em creches e pré-escola são variadas e muitas vezes empobrecidas, principalmente nas experiências voltadas para as classes populares. Segundo CRAIMER e KAERCHER (2001, p. 16) “quando se trata de classes populares, muitas vezes a prática tem se voltado para as atividades que têm por objetivo educar para submissão, o disciplinamento, o silêncio, a obediência”. Assim, Motta *et al.* (2020), na grande maioria das vezes essas instituições educativas esquecem da essência do ser criança: brincar, imaginar, sonhar, inventar, reinventar, correr, dar e receber afeto que são características inerentes à criança. Esses aspectos são ignorados e em seu lugar é priorizada a preparação para a chegada na educação básica. Como as autoras muito bem colocam, a aprendizagem ocorre de forma passiva, submissa e sem grandes aproveitamentos. A criança precisa ser enxergada como sujeito que é alguém agora e não um vir a ser, frequentemente os adultos esquecem que a criança já é alguém, e que carregam vivências através de suas explorações e interações. Devemos atentarmos que na educação infantil o mediador deve expressar interesse em saber o que as crianças já adquiriram de cultura e o que já foi sistematizado sobre o mundo que ela está inserida. A escola na educação infantil é a primeira instância de socialização da criança fora do âmbito familiar, é importante

que ela sinta-se segura, dessa forma, a escola deve proporcionar e dar espaços para que elas se expressem nas suas diferentes linguagens, e também deixem-as fazer suas escolhas. A instituição escolar é ideal para o desenvolvimento infantil, e por meio da socialização irão sentir-se seguras e capazes para tomar decisões diante dos inúmeros desafios presentes no cotidiano.

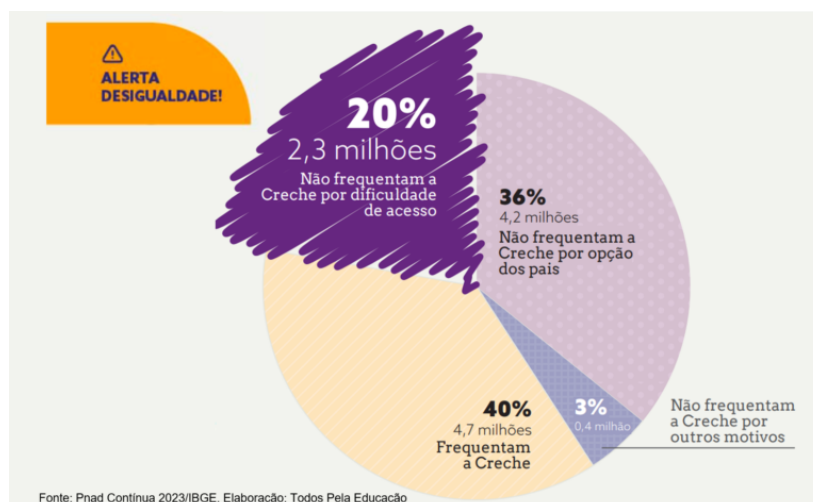
Como bem colocado pelo documento técnico Brinquedos, Brincadeiras e Materiais para Bebês (2012), Os eixos que norteiam a educação infantil são as interações e brincadeiras, na perspectiva infantil há várias possibilidades de interações: a criança/professor: que é indispensável para enriquecer e ajudar nas brincadeiras; criança/criança: para que a cultura infantil exista é fundamental que as crianças brinquem entre si, com idades diferentes ou iguais, maiores com menores e ao contrário também; crianças/brinquedos: as crianças encontram diversas formas de brincar com brinquedos e objetos; criança/ambiente- um ambiente organizado ou não pode facilitar assim como também dificultar a ação de brincar, o local onde fica os brinquedos na altura do olhar da criança é um facilitador para o brincar independente; criança/instituição/família- uma boa relação entre esses é crucial e benéfico gerando respeito e confiança. A criança da educação infantil deve vivenciar práticas pedagógicas que lhes apresente o mundo por meio de experiências.

2.1 Creche: Um lugar de desenvolvimento de crianças

Apesar de muito importante, as creches partindo da perspectiva de um lugar exclusivo para desenvolvimento e educação de bebês, ainda gera desconfiança por parte da população levantando questionamento sobre: “Bebês podem ir às creches?”. No entanto, as poucas conquistas alcançadas são essenciais para que as crianças hoje consigam desfrutar das creches com mais qualidade.

Segundo uma pesquisa feita pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2023 cerca de 2,3 milhões de crianças de 0 a 3 anos não frequentam as creches por dificuldade no acesso. A matrícula nessa faixa etária não é obrigatória, mas as vagas são ofertadas obrigatoriamente, é dever institucional e um direito da criança.

Figura 1, gráfico



Fonte: site todos pela educação, 2023

A creche desempenha papel fundamental no desenvolvimento das crianças, trabalha em prol de oferecer uma infância com integridade, promovendo interações e desenvolvimento integral. As oportunidades de desenvolvimento, interação e estímulos que as crianças recebem na creche, pouco é provável que elas recebam caso estejam fora dela, isso não quer dizer que em casa elas não desenvolvam, no entanto, o ganho é maior se elas estiverem inserida em um ambiente propício para seu desenvolvimento integral. Ao entrar na creche, além da elevação da fala, coordenação motora, autonomia e outros progressos que estão no ápice para serem estimuladas e desenvolvidas, as crianças acumulam habilidades que serão necessárias para quando tiverem que obrigatoriamente a frequentar a educação básica.

Devido ao contexto histórico de como e para qual finalidade surgiram as creches, o conceito do cuidar e educar muito se confunde. A sociedade pressupõe que a creche seja um local de cuidados da integridade física e higiene das crianças. É preciso a compreensão da importância da creche no desenvolvimento infantil e a aceitação desse período na primeira infância como crucial para a jornada escolar e vida em sociedade da criança.

A creche desempenha um papel importante no desenvolvimento da criança. As experiências das crianças que vivem neste contexto ampliam a sua socialização e aprendizagem, e a creche deve superar a

exclusão social, especialmente para as crianças que vivem em contextos especiais. A questão é que as condições socioeconômicas não são estáveis. Esse cuidado é considerado importante para a criança na creche, no entanto, as funções sociais das creches não podem se limitar a elas (Miranda *et.al.*, 2021. p. 9).

O espaço escolar como um todo é educativo, além de ser um ambiente de experiências e socialização possibilita o desenvolvimento. Aspectos do ambiente são fundamentais para construção de algumas habilidades e significados. A compreensão dos signos partem por meio de situações e interações observadas que mais adiante são colocadas em prática com crianças e adultos. Segundo Oliveira e Rossetti-Ferreira (1993, p.63),

O ambiente nessa perspectiva é concebido tanto como espaço social de experiência como enquanto condição/instrumento de desenvolvimento. [...] As dinâmicas interações indivíduo-ambiente em atividades práticas socialmente significativas produzem novos instrumentos psicológicos para os indivíduos, contingentes as condições materiais de produção da sociedade. Dentre esses instrumentos, destacam-se os sistemas de signos desenvolvidos pelas gerações precedentes em uma cultura particular. Assim, a característica básica da espécie humana é a mediação do comportamento de seus membros por sistema de signos culturalmente elaborados e apropriados.

Para Mitte (1972), o desenvolvimento social ocorre inicialmente por meio da imitação, na segunda etapa a criança se coloca em papéis (mãe, irmão, porteiro etc.), mesmo não sendo de forma consciente ela consegue transitar por objetos de socialização baseados em papéis comandados por ela mesma partindo de observações de outros indivíduos. O terceiro estágio é onde a criança constroi o seu Eu(Self) e desenvolve a mente, partindo de uma visão generalizada de modo como se percebe e de como as pessoas interagem com elas.

Os jogos simbólicos executados por crianças pequenas em ambiente de creche com parceiro é grande potencializador de desenvolvimento. É um jogo caracterizado pelos possíveis papéis que a criança assume com significados a situações, envolve papéis a serem desempenhados e envolvimento com outros parceiros envolvendo situações de comando com criação de enredo para si e para o parceiro. Os conflitos ocasionados no jogo da imaginação são refletidos na evolução das interações, afetando as ações das crianças que inicialmente parte do emocional, mas logo o cognitivo passa a sobressair. Para o desenvolvimento infantil é necessário promover situações de interação entre adultos e crianças negociando significados e ações. Significados estes como gestos, expressões faciais, corporais, entonação de voz e etc. Quer que seja adulto ou criança, para que um ambiente

seja rico em interações é crucial que o parceiro esteja envolvido emocionalmente e disposto a interagir e ter trocas com a criança.

Segundo o Comitê Científico do Núcleo Ciência Pela Infância (2014),

Funções cognitivas mais especializadas como atenção, memória, planejamento, raciocínio e juízo crítico começam a se desenvolver na primeira infância por meio de habilidades como controle de impulsos, a capacidade de redirecionar atenção e de lembrar de regras. Os circuitos cerebrais responsáveis por tais funções serão refinados durante a adolescência até a maioridade, mas as conexões fundamentais começam a se estabelecer nos primeiros anos de vida (Santos *et.al.* 2014, p. 5).

É fundamental que o cérebro seja estimulado nos primeiros anos de vida, pois, muitas partes estão em formação e necessitam de estímulos para se desenvolver. Como discutido pelos pesquisadores, a potencialidade da construção dos circuitos cerebrais está atrelada a experiências socioafetivas que a criança está inserida na primeira infância. O desenvolvimento concluído no momento dos primeiros anos de vida não são somente necessários para aquele momento em que a criança está vivendo, mas é crucial para que ela alcance o desenvolvimento de outras competências mais complexas, ou seja, necessita de circuitos mais fundamentais que aparecem nos primeiros meses e anos da vida da criança pequena.

Muitos que estão à frente de órgãos que têm o poder de aumentar os investimentos na primeira infância não compreendem/importam-se com o real significado e o tamanho dos ganhos que se pode obter fazendo esse investimento. No entanto, quanto mais cedo se investe nas crianças maior o retorno para ela própria como também para sociedade, quem em sua infância teve uma boa assistência têm mais chances de concluir o Ensino Médio e ter uma formação superior, é necessário políticas que invistam na saúde primária e na educação na primeira infância. É preciso esse acompanhamento desde o início, pois o cérebro está em desenvolvimento a cada fase da criança, sendo necessário aproveitar para estimulá-lo, assim garantido que aquele momento de desenvolvimento não seja mal ou não aproveitado, ocasionando em déficits futuros. As políticas públicas devem trabalhar em conjunto com a saúde, educação, assistência social e econômica, Os primeiros anos de vida como já dito, é crucial para a aprendizagem, essas políticas precisam abraçar principalmente os mais vulneráveis para que a longo prazo tenham um futuro próspero para si e para a sociedade. Segundo o Estudo I do Comitê Científico do Núcleo Ciências Pela Infância (2014), estudos realizados no campo das

ciências biológicas e sociais dizem que é mais eficaz investir para o desenvolvimento na primeira infância do que posteriormente tentar reverter os prejuízos causados à criança/adulto que não teve tais oportunidades. A plasticidade do cérebro nos primeiros anos de vida é maior, além de que como já foi mencionado a base de cada conteúdo aprendido serve de suporte para um novo. Ou seja, possíveis deficiências na aprendizagem será mais desafiador e custoso para ser corrigido, tanto pessoal, quanto socialmente, politicamente e economicamente. Todo esse prejuízo a longo prazo acarreta diretamente na desigualdade social, tendo em vista que crianças menos assistidas em seu todo tem mais chances de se tornar um adulto pobre, necessitando assim de ajuda governamental para a sobrevivência.

A primeira infância tornou-se prioridade nas agendas de pesquisa e formulação de políticas públicas por ser uma faixa etária crítica para a aprendizagem. Países que implementaram programas de desenvolvimento infantil extensos (iniciando cedo e com grande exposição às intervenções), abrangendo os aspectos de saúde, nutrição, estimulação e educação da criança, alcançaram resultados significativos e duradouros nesse sentido. Essas evidências estão de acordo com as premissas científicas de que os primeiros anos de vida são cruciais para o desenvolvimento de capacidades fundamentais para a aquisição de novos conhecimentos no futuro e acúmulo de capital humano (Santos *et.al.* 2014, p. 7).

Ainda segundo o Comitê, foi constatado que intervenção no capital humano é ainda mais plausível em crianças que estão em estado de vulnerabilidade. Foram feitos estudos com acompanhamento a longo prazo em três países: Estados Unidos (Programa Perry, Abecedarian e Centro de Pais e Filhos de Chicago), Ilhas Maurício e Jamaica. Segundo tais estudos nos programas,

Os resultados positivos destes programas perduraram até a idade adulta de 21 e 40 anos e abrangem desde um melhor desempenho em testes cognitivos (como no teste de compreensão de leitura e de capacidade cognitiva não-verbal), maior propensão a concluir o ensino médio e maior chance de seguir educação universitária, até maior rendimento do trabalho e menor índice de violência e criminalidade durante adolescência e vida adulta (Santos *et.al.* 2014, p. 7).

Mediante os estudos, fica visível que para que a sociedade brasileira alcance plenitude é indispensável investimentos políticos desde a primeira infância. É preciso que haja mais investigações acerca dessa pauta, no entanto, tendo o exemplo de países internacionais, a criação de programas assistencialistas para saúde e educação fará com que o povo brasileiro consiga diminuir a desigualdade social.

É corroborado a importância e os benefícios da Creche e pré-escola para a formação e o desenvolvimento do indivíduo a curto e longo prazo. Desde o nascimento e durante a infância muitos fatores contribuem para que esse sucesso de desenvolvimento seja alcançado, tais como o meio em que a criança vive deve ser saudável e ter estímulos, família estruturada, condições de moradia adequada com higiene, saneamento básico, alimentação balanceada nutritiva, entre outros fatores indispensáveis. De toda forma é importante que a educação ofertada na creche seja de qualidade. Os mais favorecidos com a creche e pré-escola são as crianças que de alguma forma vivem em situação de vulnerabilidade social e parental, o desenvolvimento que era-se esperado que começasse em casa com o responsável que desse e estimulasse o desenvolvimento da criança. Essas crianças vulneráveis muitas vezes só encontram suporte nas instituições de educação. Para que seja alcançado o desenvolvimento integral é preciso atividades pedagógicas com potencial e de profissionais capacitados, pois as creches e pré-escolas não devem ser encaradas como um ambiente de depósito de crianças para os momentos que seus responsáveis estejam trabalhando, mas sim como seu real sentido e valor de importância para o desenvolvimento infantil. Segundo pesquisadores acima citados:

Estudos salientam que, no caso da creche para crianças de até 2 anos ou 2 anos e meio, a qualidade representa um fator determinante, ou seja, creches de boa qualidade podem representar benefícios para o desenvolvimento infantil, nas creches de baixa qualidade podem gerar prejuízos no desenvolvimento das crianças [...] Crianças que crescem em ambientes desfavoráveis, expostas aos fatores de risco previamente mencionados, tendem a se beneficiar ainda mais da educação infantil. Quando a qualidade do ambiente familiar é comprometida, o benefício de frequentar a creche ou pré-escola é mais evidente, possivelmente porque a criança passa a receber na escola parte dos estímulos que idealmente receberia em casa. Tal afirmação é bem documentada em literatura internacional quando programas de alta qualidade foram implementados para população em risco, como anteriormente abordado neste documento. No Brasil, há carência de estudos que elucidem melhor essas questões. Sabe-se, porém, que a oferta de creches é decisiva para as famílias que procuram permanecer fora do limite de pobreza (Santos *et.al.* 2014, p. 10).

Os estudos no Brasil em torno do desenvolvimento infantil em creche ainda é muito pouco trabalhado, entretanto podemos nos deleitar sob os estudos internacionais. Uma Pesquisa Norte-Americana mostrou que o contato criança-cuidador é muito importante para o desenvolvimento infantil em creche e, para elevar o nível de estímulo de desenvolvimento cognitivo é fundamental que o cuidador seja sensível e estimulante. O estímulo pode acontecer nas práticas de

rotina do dia como dar banho e alimentar, o mediador deve ser atencioso com as crianças em suas individualidades, o contato um-a-um possibilita o desenvolvimento cognitivo e intensifica a confiança que os pequenos depositam. Um fato interessante encontrado no estudo foi que os pesquisadores não encontraram relação de melhoria no desenvolvimento cognitivo enquanto o número de crianças para cada cuidador, no entanto, eles salientam que a não constatação da relação pode se dar pelo fato de que as observações feitas por eles foram de cunho particular cuidador-criança.

Os resultados mostraram que a estimulação do desenvolvimento foi mais preditiva do desenvolvimento cognitivo infantil se fornecida por cuidadores sensíveis ($r = .41$) do que se fornecida por cuidadores insensíveis ($r = -.14$). O presente estudo examinou até que ponto diferentes qualidades do comportamento do cuidador em creches contribuem para o desenvolvimento cognitivo dos bebês aos 9 meses de idade, além do desenvolvimento cognitivo aos 3 meses de idade e das características parentais. Descobriu-se que a estimulação do desenvolvimento em interações um-para-um contribui significativamente para o desenvolvimento cognitivo do bebê aos 9 meses de idade. Os resultados também revelaram uma tendência marginalmente significativa para que essa relação seja moderada pela sensibilidade do cuidador. Mais especificamente, níveis mais altos de estimulação do desenvolvimento tendem a prever níveis mais altos de desenvolvimento cognitivo do bebê (Albers *et.al.* 2010, p.7, tradução nossa).

A pesquisa ainda frisa o quão importante é a presença do mediador profissional comprometido com o desenvolvimento infantil nas creches. É muito comum que os pais de baixa renda não se interessem em saber se a creche em que estão deixando seus filhos realmente é provedora de desenvolvimento, apenas tem o olhar um pouco mais atento para se a criança é bem assistida nos cuidados básicos de higiene e alimentação. No Brasil o número de creches teve um grande aumento nos últimos anos, mas é preciso que haja investigações quanto à qualidade das tais instituições, pois, como já se sabe, o grau de desenvolvimento cognitivo está ligado também à qualidade do cuidador.

Um estudo feito por Batista e Brentani (2023), acerca de como o momento do ingresso das crianças nas creches afetam o desenvolvimento infantil revelou que o ingresso de crianças com idade maior (acima de 12 até 30 meses) tem o desenvolvimento mais elevado comparado a crianças menores (até 12 meses), isso sugere que o ambiente doméstico e o cuidado está totalmente ligado ao desenvolvimento infantil. Como visto ao longo do presente trabalho, a interação adulto-criança é necessária e rica em grau de desenvolvimento para as crianças, isso corrobora com as estudiosas Batista e Brentani (2023), que por meio de suas

pesquisas constataram que o desenvolvimento infantil inferior em crianças pequenas na creche se dá devido a pouca quantidade de adulto na sala de referência, fazendo com que haja pouca interação individualizada entre a criança e o adulto.

Para alcançar bons resultados no desenvolvimento infantil, o suporte da família e as políticas públicas devem andar lado a lado, foi constatado que mesmo a criança ingressando mais cedo em programas de Educação na Primeira Infância (EPI), a rede de apoio em torno dessa criança faz com que o seu desenvolvimento infantil seja elevado.

Quando levadas em consideração as covariáveis relacionadas ao ambiente onde a criança é criada e algumas características dos cuidadores, a idade de ingresso nos programas de EPI não apresenta influência sobre os indicadores de desenvolvimento, o que pode apontar que essas condições possam ser mais determinantes para o desenvolvimento infantil do que o momento em que a criança é inserida nos programas, ou ainda serem corrigidas pelo tempo em que as crianças são estimuladas nos programas (Batista, Brentani, 2023, p. 09).

Crianças que crescem em lares conturbados, ausência parental e poucos recursos têm seu desenvolvimento afetado, por isso, a importância do suporte familiar, para que auxiliem na promoção do desenvolvimento, por meio de variáveis possibilidades fornecidas às famílias das crianças.

2.2 O que é a interação no desenvolvimento de crianças pequenas em creches

Segundo o dicionário Aurélio, a palavra interação significa: “Fenômeno que permite a certo número de indivíduos constituir-se em grupo, e que consiste no fato de que o comportamento de cada indivíduo se torna estímulo para outro” (Aurélio, 2004, p. 1117).

É verdade que as interações ocorrem nos diversos lugares em que a criança está inserida, mesmo assim, o convívio em creche se mostra fundamental para o desenvolvimento infantil, pois a troca obtida entre criança/adulto e criança/criança por meio de brinquedos e brincadeiras, proporciona conhecimento para além do brincar. A linguagem é um dos principais ganhos oportunizados por meio desse convívio. Essa troca também é valiosa para que as crianças desenvolvam habilidade de reagir a situações adversas. Ao brincar com outro par elas precisam corresponder ao que as outras crianças estão falando/fazendo, observando que é necessário executar ações e que também conseguem conseguir outras por meio dessa.

Ao refletir sobre interação alguns questionamentos surgiram: Qual é o papel da interação nas diferentes formas de aquisição da linguagem que as crianças apresentam? Quais são os recursos comunicacionais utilizados pelas crianças no processo de aquisição da linguagem?

Como supracitado, a interação caminha por diversas áreas do desenvolvimento infantil, inclusive na aquisição da fala através das experiências linguísticas com o outro. Desse modo podemos alencar que quanto mais estímulos sociais a criança tem, sua oralidade é mais aguçada e desenvolvida.

O horizonte social de determinada época define a estrutura de enunciação, sendo a expressão do sujeito ideologicamente marcada. Isso nos leva a pensar em como o lugar ocupado pela criança no sistema de relações sociais repercute no modo como ela é enredada na malha discursiva e nas possibilidades de se articular com a língua (Dainez *et al.* 2022, p.9).

No entanto, neste caso há uma forma única para que cada criança possa conseguir se comunicar, pois cada uma possui vivências e contextos sociais diferentes, a singularidade nesse processo deve ser levado em conta. No entanto, é comum que essa máxima seja interpretada de forma errônea, posto isso, é necessário que os pais e educadoras estejam atentos ao andamento da aquisição da fala das crianças, pois, em cada idade espera-se que elas atinjam certos graus da fala, partindo do balbuciar até a formação de frases completas. A atenção conjunta, imitação, repetição, vocalizações com contornos prosódicos acentuados, brincadeiras simbólicas, gestos, expressões faciais, estão atrelados à trajetória de fala verbalizada que ainda não foi atingida.

Em um estudo de caso feito por pesquisadores, foi possível observar quatro crianças com dificuldade na fala, ao fim das observações clínicas foi possível constatar que ao longo das interações clínicas as crianças foram tendo confiança nos terapeutas, criando vínculos afetivos e as tentativas para repetir palavras aumentaram. O que está querendo ser dito é que as interações tanto com adultos quanto com crianças é crucial para o desenvolvimento da fala, e a escola sem dúvidas é um ambiente que constantemente tem estímulos para que as crianças se desenvolvam. De acordo com Dainez *et.al.* “Salientamos, portanto, que a interação pressupõe linguagem e a linguagem implica interação. Ambos os domínios permeiam a história de desenvolvimento da criança entretecida à história coletiva de relações, práticas e atividades sociais” (Dainez *et.al.* 2022, p. 9).

Segundo Bruner (1998), é por meio do contato social e nos diversos contextos que as crianças estão presentes que elas conseguem utilizar os conhecimentos obtidos em suas trocas interativas, a linguagem mais precisamente, buscando elaboração de significados das falas de crianças e adultos de sua convivência.

Grandes mentes pensantes como Piaget, Vygotsky e Wallon, defensores das teorias sócio-interacionistas, perceberam o desenvolvimento infantil como um processo dinâmico, partilham a não passividade das crianças para se desenvolverem. Muito será falado neste estudo sobre a forma ativa que as crianças aprendem e se desenvolvem, elas não são meras receptoras à espera do desenvolvimento, pelo contrário. Esses pensadores constataram que quanto maior o contato com o meio, pares, consigo mesma brincando com seu corpo, criando, experimentando, maior será a ascensão de seu desenvolvimento. Resnick (2020) O conhecimento é construído ativamente pela criança, elas não recebem ideias, mas sim criam ideias. A creche como instituição educativa e possibilitadora de desenvolvimento integral de crianças, precisam dar voz ativa aos pequenos e deixá-los se expressar. As interações entre os infantes segundo Bruner (1998),

É através do contato social estabelecido nos diversos contextos nos quais as crianças estão inseridas que elas se tornam capazes de utilizar os conhecimentos adquiridos pelas trocas comunicativas, com o objetivo de obter auxílio na elaboração dos significados contidos nas falas das pessoas, tanto adultos como com as crianças com quem convivem.

Para o filósofo John Locke (1980), as crianças ao nascer são como tábula rasa, sua mente não possui nenhum conhecimento prévio e para que se desenvolva o meio e as experiências vividas são fundamentais. Para o autor a experiência sensorial era uma das formas da criança conseguir o seu desenvolvimento e conhecimento, o contato com o mundo físico de forma que ela possa sentir, cheirar, tocar, faz-se importante para aquisição do conhecimento. Outra maneira de construção de conhecimento é através da reflexão, a criança ao processar e refletir sobre suas ações consegue ter compreensão fazendo associações devidos suas experiências sensoriais, ela não irá colocar a mão no fogo, pois, devidos suas experiências ela consegue associar fogo a perigo. Assim como o filósofo considera as interações importante fator gerador de conhecimento, a creche também tem essa clareza e busca constantemente instigar as crianças a se desenvolverem e

aumentar a cada dia o seu conhecimento. A cada dia a compreensão de creche como um lugar de desenvolvimento infantil por meio da educação está crescendo, ainda existe muito o pensamento de creche apenas como um lugar para cuidados, mas já começamos a enxergar uma evolução positiva do ser criança na creche. É importante que a criança seja vista como alguém que é agora e não apenas como um alguém a vir a ser. O respeito pela criança é fundamental, na creche ela tem escolhas, ela é participativa, deve fazer parte da busca pelo seu desenvolvimento integral.

Para Locke, a formação moral e a educação são de suma importância na vida da criança, já que ela é como uma folha em branco, desse modo a formação de caráter e construção de conhecimento precisam ser bem estimulados, os estímulos e experiências devem possuir intencionalidade e ser bem planejada para alcançar o desenvolvimento adequado da criança.

O rosto da mãe para o recém-nascido servirá para o bebê expressar futuramente a comunicação com as pessoas ao seu redor. Mas para Correia (2002), a escola é o local propício para esse desenvolver essa habilidade: a troca de experiência com seus pares e outros adultos de referência oportuniza que o infante exercite a capacidade de fazer escolhas e tomar decisões, além disso, poderá vivenciar atividades com intenções pedagógicas para seu desenvolvimento pessoal e social.

Para Vygotsky (1991), o desenvolvimento da criança ocorre mesmo antes de começar a frequentar a creche ou jardim de infância, no entanto, o contato com esses ambientes potencializa o desenvolvimento devido aos diversos estímulos ali presentes. Em seus escritos, o autor verbaliza que há dois tipos de desenvolvimento, o desenvolvimento real e o desenvolvimento potencial. O primeiro refere-se às funções que a criança já consegue realizar sozinha, sem auxílio de um indivíduo. Já o desenvolvimento potencial refere-se às conquistas que a criança consegue realizar com o auxílio de outro indivíduo. A linha tênue que fica entre os dois tipos de desenvolvimento é o que ele chama de Zona de Desenvolvimento Proximal.

A distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes (Vygotsky, 1991, p. 17).

Logo, o ZDP é todo o desenvolvimento que a criança precisa realizar com auxílio, está em período de maturação, mas que em breve será possível que ela realize sozinha. Na instituição de educação as crianças têm o auxílio das mediadoras nesse processo de desenvolvimento, as práticas pedagógicas sistematizam as habilidades que elas precisam aprender. O ambiente de aprendizagem da creche é muito importante para o desenvolvimento das crianças, não apenas pelas interações ocorridas entre elas, mas pelas possibilidades de interações entre criança e adulto e crianças menores com crianças maiores. Vygotsky (1991), compreendeu que a zona de desenvolvimento real e zona de desenvolvimento potencial são de extrema importância para o desenvolvimento. A zona de desenvolvimento proximal é mais eficiente quando a professora/educadora possibilita meios para que as crianças interajam com adultos ou crianças com idade diferente, enriquecendo o ambiente de aprendizagem. Para que a creche não seja enxergada como uma instituição de cuidados, é fundamental que haja intencionalidade em todas as atividades propostas para as crianças. Elas estão na fase do ápice de desenvolvimento e há muitas áreas a serem trabalhadas, é inadmissível que esse período não seja tão bem aproveitado por falta de preparo. O brincar livre é um grande potencializador de desenvolvimento, mas a creche não se resume a esse fato, tudo que envolve as crianças devem girar em torno das brincadeiras e interações, mas com intencionalidade.

Mahoney (2003), refere-se a infância como uma teoria com perspectiva funcional que tem necessidades e características próprias, onde o enfoque maior é a construção do adulto. O pensamento conversa muito com a teoria de desenvolvimento de Wallon, onde defende que o desenvolvimento ocorre por meio das interações com estímulos orgânicos, fatores ambientais e genéticos. No entanto, o desenvolvimento é um estágio que está sempre em evolução e ao mesmo tempo completo em si. O desenvolvimento acontece desde o nascimento até a morte, é sempre constante, e como citado acima, a infância tem função de formar o adulto, sendo assim todo investimento nessa fase é necessário para constituição desse adulto.

Em linhas gerais o pensamento de que a interação com outros indivíduos é importante para a construção do eu das crianças, soa como uma espécie de cópia e cola de personalidade dos seres humanos. Apesar da interação e a participação do outro ser crucial na vida das crianças, vale ressaltar que é também por causa disso

que ocorre o processo de autonomia e separação do que Wallon chama de *socius*. A liberdade ocorre por meio do conflito, na separação de onde o outro começa e termina no eu.

Segundo Gulassa, “O eu necessita do outro para as próprias sobrevivências e evolução, mas só se constitui verdadeiramente e se constroi na sua identidade pela oposição e pela libertação desse outro” (Gulassa, 2004).

Para a construção do eu a participação do outro é necessária para desenvolver-se, conhecer-se, construir-se e, construir-se perante a sociedade, contudo, mesmo o outro tendo papel importante em que somos e nos tornamos, há “perigo” nisso, pois, se não estivermos atentos não dá para distinguir onde o eu começa e o outro termina. Mas por outro lado, é no confronto com o outro que se conquista a autonomia e identidade, é contraditório, mas precisa-se do outro na mesma intensidade que precisa-se da libertação desse outro. “O homem se individualiza e se torna autônomo à medida que é capaz de se disfuncionar, para então construir parceria e complementaridade” (Gulassa, 2004).

O meio familiar é muito importante para a criança, é o primeiro meio funcional e o que determina a sua sobrevivência, o ser ou deixar de ser, pois nele a criança começa aprender sobre suas condutas sociais, bem como, ao longo da vida a criança vai participando de outros meios com novas experiências e oportunidades. A escola é fundamental, é nela onde a criança se desenvolve de maneira ampla, pois, encontra vários conhecimentos e vivências sistematizadas, cultura, vivências grupais e com meios sociais variados e novas disciplinas.

Os espaços em grupos viabilizam a vivência de diversos papéis e comportamentos que são esperados dos seres humanos, o papel da criança, de aluno, de professor, de adulto etc. Sendo assim as crianças aprendem como agir em cada momento e no meio em que está inserida, propiciando o desenvolvimento pessoal e a percepção de si e do outro. Os papéis complementares estão entrelaçados ao grupo, a criança aprende sobre liderança, trabalho em equipe, confronto, oposição crítica, autonomia e etc.

O campo de experiência “O eu, o outro e o nós” conversa bem com a questão do meio e do grupo. Por meio desse campo as crianças têm a percepção dela mesma e do outro. O grupo constantemente possibilita experiências de extrema importância para o conhecimento de si e do outro, através da comparação, chegando a criar percepção do que é meu e do que é do outro, e em seguida o que

é de todos. Esses avanços ocorrem por intermédio das relações interpessoais que o grupo oferece. O grupo retira a criança de seu mundo onde só existe o eu e a puxa para um onde existe o outro e o nós, isso acarreta conflitos que viabilizam pensamentos de resolução. O grupo traz para a criança o sentimento de pertença, com entendimento do que é bom para todos do grupo, ao mesmo tempo que também ela entende suas características próprias para além do grupo, seus desejos e individualidade. O grupo pode ser ferramenta para criação de personalidade e práticas sociais, pois, vai além da afetividade, mostra para a criança qual o seu lugar em cada grupo que ela pertence.

2.3 O papel do professor como mediador de interações

Como supracitado ao longo do estudo, a educação infantil como conhecemos hoje, com dever de cuidar e educar é contemporânea. Por muito tempo não houve um espaço idealizado para auxiliar as famílias com crianças, a educação delas era de responsabilidade das famílias ou grupos sociais. Com a luta vencida pela entrada da mulher para o mercado de trabalho em 1943, cada vez mais as mães, principalmente de baixa e média renda, passaram a se ausentar do lar por mais tempo, desencadeando a necessidade de ter um local qualificado para deixar seus filhos.

Contudo, as creches vem ocupando esse lugar de apoio familiar e local de desenvolvimento e proteção que a sociedade necessita.

Emmi Pikler (1950), tem estudos voltados para o desenvolvimento neuropsicomotor da criança com princípios que conversam bem com a temática deste estudo, um que chama bastante atenção é o princípio: a valorização do vínculo entre criança e cuidador, sendo base para promover a segurança emocional da criança. Segundo Cris,

O educar e o cuidar nos primeiros anos de vida estão profundamente ligados, dessa forma os cuidados com as crianças devem ser entendidos como práticas educacionais, pois por meio do cuidado realizam muitas vivências, que resultam em aprendizagens e, consequentemente, em desenvolvimento (CRIS, 2022, p. 13).

Neste caso, o cuidar vai além dos cuidados com a higiene das crianças, eles são amplos e afetivos. Na sala de referência a interação entre o mediador e a

criança na grande maioria das vezes precede a interação entre crianças e seus pares, o mediador deve ser uma espécie de ponte para que as crianças cheguem a interagir com outras crianças em processo de adaptação.

A segurança é essencial para uma boa adaptação e interação das crianças. Na ausência dos pais ou responsável, o adulto de referência assumirá esse papel na vida da criança durante o tempo em que ela estiver na instituição. As pesquisas de Pikler (1950 a 1970), são em torno do vínculo e à liberdade, em um de seus estudos, ela observou que as crianças ricas que eram criadas em ambientes superprotetores, com brincadeiras guiadas tinham mais chances de acontecer acidentes infantis do que as crianças que brincavam livremente. Ela concluiu que essas crianças que brincavam sem restrições e superproteção eram mais cuidadosas e confiantes. Segundo Soares,

[...] o bebê é um ser capaz ativo se o adulto de referência espera e recebe os sinais de reciprocidade. O vínculo afetivo com o adulto é fundamental para o desenvolvimento pleno e o momento dos cuidados é o mais propício para que ele aconteça. Com segurança afetiva, o bebê e a criança pequena podem se movimentar livremente por longos períodos, sempre assistidos de um adulto. O brincar livre em ambiente seguro desenvolve iniciativa e autonomia e provoca flexibilidade, equilíbrio e alegria (SOARES, 2017, p.16 e 17).

É comum que nas creches e pré-escolas as mediadoras acabem se precipitando nas elaborações das atividades no papel, é cobrado e muito induzido que as crianças pequenas desenvolvem muito cedo a caligrafia, no entanto, essa não é a proposta da educação infantil e, as crianças por serem muito pequenas ainda não possuem consciência fonológica e ainda estão em processo de desenvolvimento da linguagem oral. Segundo Cris,

É preciso entender a importância do brincar na educação infantil e não antecipar esse processo impondo condições que não fazem sentido para criança naquele momento, exigir das crianças pequenas que aprendam ler e escrever pode ser muito prejudicial a sua autoconfiança (CRIS, 2022, p.21).

Aparentemente as educadoras podam as crianças, são tantos direcionamentos pensados apenas com a ótica do adulto que acaba prejudicando diversos pontos de desenvolvimento ativo das crianças, por exemplo: autonomia, confiança, autoestima e criatividade. Muitas vezes falta o deixar a criança ser criança.

Em sua pesquisa, Cris (2022) fez entrevista com uma professora “x”, onde lhe foi perguntado o seguinte: Para você, qual é o papel da família na adaptação? A professora prontamente respondeu: “Acho que a família tem muita influência na

adaptação das crianças. A família é a base né, o suporte de toda criança que se vê totalmente dependente dela, é claro que nós educadoras temos nosso dever de zelar, cuidar, educar, enquanto estiver na nossa responsabilidade, mas a base está na família. Tem pais que no primeiro dia de aula não avisaram a criança para onde elas estão indo, por medo de sua reação... agora imagina o susto que essa criança levou? O trauma que isso pode gerar? Eu já presenciei aqui muitos casos de crianças negligenciadas de todas as formas que você possa imaginar, e isso dói, posso afirmar que são as que têm mais dificuldade na socialização, convivem com agressões e chegam aqui achando que bater para conseguir o brinquedo que quer é normal, mas também são crianças carentes, que querem carinho, atenção, um colo que não tem em casa. Acho que o papel da família nesse momento é diminuir o nível de ansiedade da criança, ter uma boa relação de comunicação com as professoras, participar de atividades dinâmicas que incluem família na escola, conhecer de verdade o seu filho, lhe passar confiança”.

Quando o assunto é creche e cuidados com crianças pequenas, muitos ainda acreditam que o melhor para o bebê é ser cuidado pela mãe durante essa fase, pois entendem que o ambiente doméstico é o mais seguro e provedor de desenvolvimento comparado a creche, pois ela não pode suprir o que de fato é dever da mãe, como por exemplo, a responsividade, já que são muitas crianças para poucos adultos cuidar. Bem se sabe que a qualidade do ambiente influencia diretamente no desenvolvimento integral e interações que as crianças possam vir a ter. No entanto, é importante compreender que os dois ambientes oferecem possibilidades de interações diferentes e que depende de vários aspectos. Levando essas vertentes em consideração, é de grande valia frisar a importância de fazer da creche uma continuidade do lar para a criança durante o período de adaptação. Segundo (Rapoport e Piccinini, 2002), “Através desta atitude, a introdução do bebê na nova rotina pode se dar de maneira gradual e a creche não se tornar um referente muito diferente daquele conhecido pelo bebê, que é o do seu lar”.

Um ponto importante que algumas creches usam como estratégias para uma boa adaptação das crianças é permitir que um membro próximo da criança fique presente na instituição na primeira semana para auxiliar nesse processo. No entanto, algumas mediadoras se sentem intimidadas por estar “sendo observada”

A adaptação não é um processo linear, acontece de forma gradual e complexa, dessa forma é de se esperar que algumas crianças que já se adaptaram

retrocedam esse caminho por fatores diversos. Na pesquisa realizada por Rapoport e Piccinini (2002), a maioria das professoras responderam que um dos fatores que implica nesse resultado é devido ao afastamento da creche, por exemplo: crianças que faltam com frequência, ao retornar se torna uma nova adaptação. Todavia, também é preciso procurar explicações em fatores oriundos dentro da própria instituição, ou seja, a qualidade do serviço ofertado pode vir a ter mudado durante o ano letivo, a mediadora que inicialmente estava atenta e afetuosa com a criança pode ter modificado seu comportamento, causando estranheza e desconforto. “Na verdade, o comportamento do cuidador é um dos aspectos da qualidade do atendimento mais relevante para compreender a adaptação da criança à creche” Rapoport e Piccinini (2002, p.6).

Durante os primeiros dias da chegada da criança pequena nas creches, elas manifestam diversas formas de reações, por exemplo, choro, se jogar no chão, gritar, bater, jogar brinquedos, resistência à alimentação e entre outras. Essas reações em sua grande parte servirão para os educadores classificarem a criança como bem ou mal adaptada. Os mediadores por sua vez desenvolvem meios para que a adaptação ocorra da melhor forma possível.

Levando em consideração o que as DCNEI - Resolução nº. 5/ 2009, ressalta em seu artigo 4º, sobre a concepção de criança

[...] deve ser vista como um sujeito histórico e de direitos e que nas suas, interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constroi sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra e questiona os sentidos da natureza e da sociedade, produzindo cultura. (BRASIL, 2009).

Deve-se refletir como as instituições de educação infantil podem agir para que esses direitos das crianças possam ser respeitados e colocados em prática verdadeiramente.

É impactante que a grande parte dos profissionais que atuam na educação infantil não tenham formação de nível superior como requisito mínimo, certamente esse fato não contribui para que o Brasil saia do ranking dos países com pior educação. É crucial para que haja educação de qualidade desde os anos iniciais, uma boa formação dos profissionais que irão atender o respectivo público.

Segundo Bujes (2001), nos dias atuais as instituições de educação infantil são destinadas a dois papeis, o cuidar e educar. Com o capitalismo, as famílias devem desempenhar outros papeis sociais para além do ser pai, mãe, avó, tio, tia, e

o cuidar nas escola de educação infantil, viabiliza que esses familiares entreguem no mínimo 8 horas do seu dia longe das crianças se isentando de seus cuidados.

Assim cuidar inclui preocupação que vão desde a organização dos horários de funcionamento da creche, compatíveis com a jornada de trabalho dos responsáveis pela criança, passando pela organização do espaço, pela atenção dos materiais que são oferecidos como brinquedos, pelo respeito às manifestações da criança (de querer estar sozinha, de ter direitos aos seus ritmos, ao seu “jeitão”) até a consideração de que a creche não é um instrumento de controle da família para dar apenas alguns exemplos.[...] . (BUJES, 2001, p. 16).

Logo, também faz-se primordial a oferta de educação de qualidade. O contato com crianças e adultos, percorrendo experiências com a cultura e contextualizações sociais, pois por meio desses, as crianças aprendem a dar significados às coisas do mundo que as cercam.

No entanto, levando em consideração o dever de cuidar e educar enquanto a família não está presente, as instituições de educação infantil estão apenas ou grande parte do tempo voltadas para o desenvolvimento cognitivo. A escolarização precoce, o desejo de deixar as crianças sentadas em suas carteiras, ensinando o silêncio, a submissão e obediência. Se tratando de crianças com idades mínimas, vale refletir se esse método cognitivista realmente é o mais eficaz. É comum esperar conduta de adultos em crianças, ou pelo menos forçar tal comportamento como forma de educação.

Refiro-me a experiências que trazem para a pré-escola, especialmente, o modelo da escola fundamental, as atividades com lápis e papel, os jogos ou atividades realizadas na mesa, a alfabetização ou a numeralização precoce, o cerceamento do corpo, a rigidez dos horários e da distribuição das atividades, as rotinas repetitivas, pobres e empobrecedoras. (BUJES, 2001, p. 17).

O esplêndido psicólogo, Jean Piaget, após minuciosas observações e entrevistas com crianças, chegou a conclusão de que elas não desenvolvem conhecimento de forma passiva, mas sim de maneira ativa com interações entre pessoas e objetos. De modo que o conhecimento não é como água despejada em um vaso. A criança tem instinto investigativo e pesquisador, criam suas ideias, analisam e testam, tudo de maneira ativa enquanto brincam com outras crianças e objetos. Esse pensamento construtivista de Piaget, deve está presente dentro das salas de referência da educação infantil. O desenvolvimento cognitivo é sem titubear importante, no entanto, é necessário que se dê a mesma importância ao desenvolvimento de todas as potencialidades infantis:

Práticas educacionais voltadas apenas para o desenvolvimento cognitivo dos indivíduos são cada vez mais comuns e têm contaminado a Educação Infantil, sustentadas pelos cognitivistas, os quais defendem que as crianças precisam ser amplamente estimuladas na Educação Infantil, porque o desenvolvimento cerebral ocorre intensamente até os 2, 3 anos de idade, nos seres humanos. (OLIVEIRA, 2018, p.39).

Ao longo da história, a infância passou por muitos processos e entendimento sobre o quê é e qual o papel social das crianças na sociedade. Entre elas, na segunda modernidade, Sarmento (2005), faz um alerta sobre a idade da não-infância das crianças causada pela indústria cultural, onde influencia no comportamento, no vestir, no agir e no brincar. É nítido o atropelamento da infância na sociedade até mesmo nos tempos atuais.

Na segunda modernidade, o desenvolvimento activo de uma indústria cultural para as crianças, frequentemente dominada pela comunicação da violência, a erotização progressiva da infância pela comunicação de modelos de referência via média, e, de uma forma geral, a complexificação crescente das condições de vida das crianças, com estruturação dos seus quotidianos segundo dinâmicas indutoras de comportamentos agressivos, competitivos e agonísticos tem produzido, como que num encerramento do círculo da negatividade, a ideia de que as crianças actuais vivem, definitivamente, um processo de adultização precoce e irreversível, e, por consequência, habitam a idade da não-infância. (Sarmento, 2005, p.8).

Alinhado com a história, os processos da infância sempre foram vistos como algo negativo, que precisa de correção e adiantamento para fase adulta. Isso tudo atrelado a indústria cultural, é como se não fosse levado em consideração a infância/criança não fosse a sua fase atual que é natural estar. É necessária atenção para que o trabalho nas instituições de educação infantil não seja uma extensão desse pensamento. É preciso respeitar a infância/criança, e desenvolver as habilidades que são necessárias para o momento na jornada escolar e vida pessoal.

A educação infantil contemporânea tem como desafio abandonar a dimensão educativa que tem desconsiderado a forma de ser das crianças e da infância, momento de vida dos seres humanos que se caracteriza pela predominância do sonho, da fantasia, do lúdico, da afetividade. (OLIVEIRA, 2018, p.40).

2.4 O espaço físico como recurso facilitador no processo de adaptação

O espaço físico atrativo para as crianças é fundamental para um bom acolhimento, é preciso que os espaços sejam pensados para as crianças, com pinturas, brinquedos, espaço para os pequenos se movimentarem livremente. Um ambiente adaptado corrobora com todo estudo que está sendo debatido no texto,

não tem como pensar em segurança, adaptação, interação para criança sem um espaço físico atrativo. É muito importante que as crianças se sintam representadas e que o local onde ela está é dela. Em seus estudos, Cris concluiu que:

Assim como a criança se adapta a creche, cabe ao núcleo escolar também se adaptar para atender as necessidades da criança, mantendo uma infraestrutura adequada para recebê-los, como organização dos espaços internos e externos com diferentes brinquedos, pois na falta de atrativos a televisão adquire centralidade (CRIS, 2022, p. 29).

Um estudo feito por Meneghini e Carvalho, 2002, em torno de como o arranjo espacial interfere nas interações de crianças em creche, mostrou que o comportamento interativo infantil é sim influenciado conforme a organização do ambiente feita pelo adulto. A organização do espaço idealizado pelo mediador interfere diretamente em como e quando as crianças se relacionam entre si e com o adulto. Planejar o ambiente onde a criança irá socializar é indispensável. No entanto, é importante salientar que a criança tem participação ativa em seu desenvolvimento, durante a socialização com seus pares elas estão ativas decidindo com quem vai brincar, onde irá brincar, até qual momento a brincadeira irá continuar. Não se pode robotizar as crianças escolhendo onde, com quem e com qual brinquedo elas têm que brincar, é importante dar e viabilizar a autonomia delas. Com boa intenção muitas vezes as mediadoras vão eliminando os “obstáculos” do caminho das crianças antes de deixar livres para brincar, isso com intuito de evitar acidentes, mas essa não é a solução, as crianças devem ter um espaço diversificado em arranjo espacial onde ela possa socializar\brincar. Espaços diversificados possibilitam inúmeras formas de interação entre as crianças e o adulto.

O contexto pouco estruturado de nossas creches, especialmente as que atendem população de baixa renda - tal como número grande de crianças pequenas (Ex.: 10 a 35 crianças entre 18 a 36 meses) sob a supervisão de um só adulto; escassez de mobiliário, objetos e equipamentos; ausência de zonas circunscritas - não favorece interações, seja entre criança-educador e, especialmente, entre crianças menores de 3 anos, cujas habilidades verbais e sociais estão se desenvolvendo (Meneghini, Carvalho, 2002, p. 2).

Atualmente, mesmo com a BNCC expressando fortemente a necessidade de realização de atividades ricas e em ambientes fora da sala de experiência, é comum nos deparamos em nossas creches, crianças sujeitas a brincar em um pátio ou

espaço vazio, somente as crianças, brinquedos e a mediadora por perto. Não que isso seja pouco ou ruim, no entanto, a pesquisa das autoras mostrou que as crianças têm maior desenvolvimento quando brincam em um arranjo espacial visivelmente aberto com presença de zonas circunscritas, caracterizadas como uma área delimitada, com obstáculos, barreiras, mobiliários, paredes, o solo com desnível, entre outros elementos enriquecedor de ambiente. O mediador não deve ficar guiando constantemente a brincadeira, é interessante deixá-las livre, mas ele deve estar a vista da criança, pois é um período onde a criança é apegada ao adulto responsável.

Para além do espaço físico, a forma como a creche planeja o período de adaptação têm interferência e conta como ponto positivo ou negativo para o sucesso da adaptação.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como foco investigar a importância da interação para a adaptação de crianças em creche, propondo-se a realizar um levantamento sobre o que a literatura já contribuiu para essa temática.

As discussões sobre as interações e suas contribuições para o desenvolvimento infantil são amplas. Muito se fala sobre interações e brincadeiras na Educação Infantil, principalmente porque a BNCC recomenda que o trabalho pedagógico seja pautado por elas. Nesse sentido, os estudos têm evoluído positivamente.

Na vivência em sociedade, as interações ocorrem de forma inevitável. As primeiras interações dos bebês acontecem no núcleo familiar, logo após o nascimento, com a presença dos pais ou responsáveis. Contudo, é ao frequentar a escola que essas interações passam a ser sistematizadas e intencionais. Por meio delas, as crianças se desenvolvem como sujeitos ativos, vivenciando experiências e construindo cultura. Mas de que forma essas interações podem também auxiliar em um momento tão importante como o período de adaptação na creche?

Com base nesta questão, constatou-se que não existe uma fórmula única para garantir a adaptação das crianças de forma totalmente agradável e sem

traumas. Contudo, é fundamental reconhecer a importância da Educação Infantil como base para o desenvolvimento integral e para toda a jornada escolar das crianças. Nesse sentido, é imprescindível que as profissionais atuantes sejam devidamente formadas na área. A mediadora deve compreender o ser criança e o conceito de infância desde sua construção, para melhor direcionar as práticas pedagógicas e apoiar os infantes nesse período. Ainda hoje, muitas creches mantêm um caráter assistencialista, negligenciando os aspectos educacionais.

Toda instituição de ensino precisa operar em harmonia. É essencial que as interações, no sentido pleno da palavra, comecem desde a matrícula da criança. As impressões causadas pelo ambiente e pelos profissionais que recebem os responsáveis influenciam diretamente na confiança depositada na instituição. Um responsável confiante e seguro transmite essa percepção à criança.

Dessa forma, a pesquisa evidenciou que acolher a família e, principalmente, a criança em suas emoções, oferecendo um ambiente atrativo e dinâmico, produz efeitos positivos na adaptação. É fundamental que a família seja vista como aliada da instituição. Sempre que surgirem dúvidas ou interesses sobre o processo adaptativo e o desenvolvimento da criança, a família deve ser ouvida e esclarecida. A mediadora pode realizar entrevistas com os responsáveis para identificar os gostos da criança e o que a atrai. Com seu profissionalismo, a mediadora é a principal responsável por promover acolhimento e segurança na sala de referência, além de incentivar o estabelecimento de vínculos na instituição. É importante que a mediadora demonstre interesse genuíno pela criança e por sua família, pois isso será relevante para as atividades ao longo do ano letivo. Assim, no início, criança e mediadora não serão completos desconhecidos. Além disso, a família deve conversar com os infantes sobre a nova rotina, incentivando-os com explicações sobre os ganhos, como novos amigos e brincadeiras.

Respeitar a singularidade de cada criança é crucial, pois não há um período fixo para que todas estejam adaptadas. O ritmo de cada uma deve ser considerado, e é natural que algumas crianças demorem mais para se familiarizar com a instituição. O objetivo é garantir que a adaptação seja respeitosa e acolhedora.

Esta pesquisa justifica-se pela necessidade de avanços na Educação Infantil, mesmo que o progresso aconteça de forma lenta. A ideia de infância é um conceito relativamente recente, fruto da modernidade, e as crianças, antes subestimadas, devem agora ser vistas como sujeitos plenos, e não como um "vir a ser". Antes de frequentar a creche, a criança vive em uma bolha confortável, recebendo atenção integral no núcleo familiar. Fora dessa esfera, ela encara um ambiente desconhecido, muitas vezes interpretado como uma zona de perigo, pela "perda" da figura de segurança representada pelo responsável. Durante o período de adaptação, a separação pode causar aflições que se manifestam por meio de choro, febre, sonolência ou até vômito. Se a criança não for acolhida adequadamente, a adaptação pode trazer danos ou atrasos ao seu desenvolvimento.

Quanto às contribuições para a ciência e a sociedade, destaca-se a necessidade de mais estudos sobre essa temática, para que as crianças sejam respeitadas e haja avanços na área. Como mencionado, a Educação Infantil tem muito a oferecer para o desenvolvimento integral das crianças. Contudo, ainda há muito a ser explorado para que se avance na qualidade da educação brasileira, que começa no primeiro dia de experiência dos bebês na creche.

Para a realização deste trabalho, foi necessário levantar dados sobre como ocorrem as interações entre crianças e professoras durante o período de adaptação, entre os anos de 2018 e 2023. Contudo, verificou-se uma limitação de publicações específicas sobre a temática nesse intervalo de tempo, especialmente no contexto brasileiro. No âmbito municipal, o desafio foi ainda maior. Assim, não foi possível atingir com total precisão os objetivos propostos. Diante disso, sugere-se que mais estudos sejam realizados, dada a importância do tema para garantir que as crianças sejam acolhidas de maneira adequada e tenham pleno desenvolvimento na Educação Infantil. Outro aspecto relevante seria investigar a relação entre o processo de adaptação e a saúde mental das mediadoras, analisando os impactos que uma adaptação bem-sucedida ou mal conduzida pode trazer para esses profissionais.

Apesar das dificuldades encontradas, a pesquisa confirmou a hipótese de que uma boa adaptação é essencial para o bem-estar e o desenvolvimento integral das

crianças. Conclui-se que as interações entre criança e mediadora desempenham um papel fundamental na jornada escolar dos infantes.

REFERÊNCIAS

ALBERS, Esther M.; RIKSEN-WALRAVEN, J. Marianne; WEERTH, Carolina de. Developmental stimulation in child care centers contributes to young infants' cognitive development. **Infant Behavior And Development**, [S.L.], v. 33, n. 4, p. 401-408, dez. 2010. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.infbeh.2010.04.004>.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar editora, 1981.

BASTOS, Raquel. O que é Neurodesenvolvimento? **Blog**, São José do Rio Preto, Sp. Disponível em : <https://www.draraquelneuropediatra.com.br/o-que-e-o-neurodesenvolvimento>] acesso em 03 Jan. 2025.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal, 1988.

Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Brinquedos, brincadeiras e manuais para bebês**: manual de orientação pedagógica: módulo 2.

Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil** / Secretaria de Educação Básica. – Brasília : MEC, SEB, 2010.

CARRARA, Isabela Sibin. SOUZA, Vânia de Fátima Matias de. **O conceito de infância na atualidade: Indicativos na escola nas políticas públicas**. DFE, UEM, Maringá. 2018.

CRAIDY, Carmem. KAERCHER, Gládis E. (orgs). **Educação Infantil: pra que te**

quero? Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

Comitê Científico do Núcleo Ciência Pela Infância (2014). Estudo nº 1: **O Impacto do Desenvolvimento na Primeira Infância sobre a Aprendizagem**. <http://www.ncpi.org.br>.

LOCKE, J. **Ensaio sobre o entendimento humano**. Trad., apresentação e notas Pedro Paulo Garrido Pimenta. São Paulo: Martins Fontes, 2012. (Selo Martins.).

Ministério da Educação e Cultura. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Dispõe sobre as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF: MEC, 1996.

MIRANDA, Clarice Martins Monteiro de; SANTOS, Lucilene Regina dos; OLIVEIRA, Marlene Leonarda Moraes de; OLIVEIRA, Maria Aparecida dos Santos; SERGIO, Maria Zildineth. **A IMPORTÂNCIA DA CRECHE NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL**. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, [S. l.], v. 7, n. 6, p. 1188–1198, 2021. DOI: 10.51891/rease.v7i6.1460. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/1460>.
Obra coletiva. **Desafios Educação infantil**. 1ª. São Paulo: Editora Moderna, 2020.

OLIVEIRA, Suélen Cristiane Marcos de. **O processo de adaptação das crianças na educação infantil: os desafios das famílias e dos educadores da infância**. Tese (Doutorado em Educação). 260 p. Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Ciências e Tecnologia. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Presidente Prudente, 2018.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. **Educação Infantil: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2002.

VIGOTSKI, L.S. **A Formação Social da Mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. Organizadores Michel Cole.; tradução José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 6ª Ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ANEXO A — GRÁFICO IBGE